**CONCEPÇÃO DE DOCÊNCIA E EXPECTATIVA PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES INICIANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA UFPB**

Lidiane de Azevedo de Lima (Bolsista) CE/DHP, PROLICEN

Lisane de Azevedo de Lima (Voluntária) CE/DHP, PROLICEN

Michelle Cristine Costa Fernandes (Voluntária) CE/DHP, PROLICEN

Rafaella Alves Delgado (Voluntária) CE/DHP, PROLICEN

Ana Paula Furtado S. Pontes (Professor Coordenador/Orientador) CE/DHP, PROLICEN

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho surgiu a partir do Projeto PROLICEN da Universidade Federal da Paraíba/Campus I intitulado “A expectativa em relação ao trabalho docente na visão de estudantes de cursos de licenciatura da UFPB/Campus João Pessoa: fatores intervenientes”, tendo como objetivo analisar a concepção de docência dos estudantes iniciantes do curso de Pedagogia e suas expectativas profissionais.

A pesquisa, de cunho qualitativo, por trabalhar com valores, crenças, sentimentos (ALVES-MAZZOTTI, 2002), foi desenvolvida a partir da realização de entrevista semi-estruturada com quarenta e sete estudantes iniciantes (1º ao 4º período) do curso de Pedagogia dos diferentes turnos. Do roteiro de entrevista, nos detemos sobre duas questões: Qual a visão que você tem sobre “ser professor”? Quais as suas expectativas futuras em relação à profissão?

Antes de analisarmos os resultados, convêm situarmos alguns aspectos acerca da docência e sua formação. Para Veiga (2005), a docência é mais que a simples tarefa de ministrar aulas. Libâneo (2007, p.23) assinala que o “conceito de docência passa a não se constituir apenas de um ato restrito de ministrar aulas, nesse novo contexto, passa a ser entendido na amplitude do trabalho pedagógico”. Ou seja, a docência é mais que ministrar aula, é educar o aluno de forma consciente, isso também faz parte do trabalho pedagógico. Com relação aos deveres dos professores a Lei no 9.393/96, em seu artigo 13, incisos I, II, III e IV, assinala:

Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; zelar pela aprendizagem dos alunos; estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento.

Por volta do século XVIII, à educação assumia um caráter religioso, sendo assim, o modelo de docência foi impregnado por um olhar ancorado na ideia de vocação, sacerdócio (LÜDKE; BOING, 2004). Atualmente, ainda é possível identificar pessoas que pensam a profissão docente como algo que implica em uma vocação ou um chamado voltado, especialmente, para a educação da criança, seguindo uma perspectiva missionária de doação. Entretanto, há que se superar tal perspectiva, assumindo-se o profissionalismo, que corresponde ao grau de profissionalidade da profissão, adquirida mediante a qualificação profissional (MONTEIRO, 2008).

Compreendemos que a qualificação profissional do professor deve se dar no ensino superior, tese em parte postergada pela Lei no 12.796/13, que altera a Lei de Diretrizes e Base da Educação (no 9394/96), ao vetar o parágrafo que estabelecia prazo para exigência de que a formação dos professores da educação infantil e das séries iniciais se desse em nível superior. Dessa forma, para estes ainda é admitida a formação em nível médio na modalidade normal.

Sabendo que a formação inicial é insuficiente para dar conta dos desafios que o professor deve enfrentar na profissão, faz-se necessário a formação continuada. Como aponta Veiga (2008), a formação inicial deve proporcionar conhecimentos que possam dar respostas aos desafios do cotidiano escolar, social e as transformações e avanços da sociedade, o que implica na necessidade de investimento contínuo em sua atualização.

Nessa perspectiva, a formação continuada, segundo Libâneo (2001), é o prolongamento da formação inicial, tendo como um dos seus objetivos o aperfeiçoamento do conhecimento teórico. Como destaca Mello apud Veiga (2008, p. 20) “[...] O professor é um dos profissionais que mais necessidade tem de se manter atualizado (sic), aliando à tarefa de ensinar a tarefa de estudar”. Assim, a formação continuada tem como uma de suas funções manter o professor atualizado, capacitando-o a enfrentar os desafios da profissão.

Atualmente, a profissão docente passa por um processo de precarização que se verifica nas condições inadequadas de trabalho dos professores, salários baixos, desqualificação profissional, perda da autonomia profissional. Essa precariedade também pode ser percebida no fato de o professor necessitar intensificar seu trabalho, assumindo mais de uma turma, atuar em salas superlotadas ou multisseriadas (SALVARO, 2009).

Tecidas breves referências em relação à docência, apresentaremos os resultados obtidos na pesquisa. Inicialmente, discutiremos a concepção de docência dos entrevistados, em seguida, suas expectativas futuras diante da profissão escolhida, destacando-se os pontos mais assinalados por eles.

**ANÁLISES E RESULTADOS**

A partir dos dados coletados em nossa pesquisa, identificamos que o professor é visto pela maioria dos estudantes de Pedagogia entrevistados como um educador. Para eles, estes profissionais devem formar criticamente seus alunos e não serem meros repassadores de informação: *“Ser professor é educar as pessoas e torná-las cidadãos críticos e participativos” (EP1PM[[1]](#footnote-2)).* Então, ser professor é educar e não simplesmente passar conteúdos. É agir como um mediador no processo de formação.

Alguns entrevistados apontam a docência como uma profissão de muita responsabilidade, pois implica em lidar com a formação de outras pessoas: *“Professor é ter uma responsabilidade muito grande, porque você vai formar cidadãos, formar pessoas que estão em um processo. Então, ser um professor é um trabalho difícil.”(EP4PN).* Sendo assim, o papel do professor é bem complexo, pois exige que o mesmo o domínio de uma gama de saberes oriundos de uma preparação disciplinar, “curricular, mediadora, ética, institucional, coletiva, mas também uma importante bagagem sociocultural (IMBERNÓN, 2000, p.33). Segundo Bolívar (apud PAPI, 2005), um aspecto que sinaliza para a complexidade dessa função é a exigência de que o mesmo seja um especialista em seu campo disciplinar, sem perder de vista o atendimento ao desenvolvimento moral dos alunos e sua socialização.

Os entrevistados reconhecem que a complexidade da tarefa docente se situa ainda na diversidade de papeis que o mesmo acaba assumindo em meio a um cenário de precarização: *“Bom, ser professor hoje é uma tarefa, não é tarefa muito fácil não porque a gente sabe quanto o professor hoje é discriminado não é valorizado com relação à docência e sua prática, até na questão de remuneração” (EP3PT).* Segundo Kuenzer; Caldas (2009, p. 31), a precarização do trabalho docente é traduzida nos seguintes termos: “[...] redução dos investimentos, a ruptura de consenso social sobre a educação, a retratação de outros agentes educativos, a ampliação de exigências educativas”. Todos esses processos refletem a valorização da educação apenas no plano do discurso, repercutindo no comprometimento das condições de trabalho desse profissional.

Por fim, muitos estudantes entendem que para exercer essa profissão é preciso vocação, dom, paciência*: “Ser professor exige paciência, vocação e amor ao que você está fazendo, pois, se você não tiver isso será uma pessoa frustrada e fazendo coisas erradas, como muitos profissionais que aparecem na mídia, que batem e castigam seus alunos” (EP3PM).* A grande questão de se pensar nessa profissão como ato de vocação, um dom, é que tal entendimento pode sugerir que, por isso, não seria preciso formação para ensinar, bastaria ter amor, doação e paciência. É claro que gostar da profissão é importante, mas só isso não basta, uma vez que a profissão exige, como aponta Alves (2006, p. 7), “[...] características profissionalizadas, ou seja, as competências e habilidades que não são decorrentes da ‘natureza’ feminina, mas são construídas no processo formativo”. Nesse sentido, a formação é muito importante, pois ela deve garantir os conhecimentos para nossa atuação profissional.

No que se refere às expectativas em relação à profissão, a maioria dos entrevistados pretende atuar como professor universitário: *“meu primeiro e grande objetivo no curso de pedagogia é me formar, mestrado, doutorado e ser professora universitária” (EP3PM).* Como este depoimento, muitos entrevistados que desejam seguir a carreira universitária, justificam que no ensino superior há um maior reconhecimento profissional, tanto na questão salarial, quanto na valorização social.

Foi possível ainda inferir a partir das entrevistas que alguns estudantes optaram pela docência universitária por acreditarem que não irão ter muito trabalho, pois estarão trabalhando com adultos e não com crianças, como o citado na fala a seguir *“[...] eu não quero ser professor de criancinha, porque dá muito trabalho. Quero ser professor universitário que os alunos estão bem grandinhos, não fazem muita algazarra. Os pequenininhos dão muito trabalho e os grandes, não” (EP3PM).*

Alguns esperam que um dia a profissão seja valorizada: “Eu espero que o salário aumente. *Eu espero que a remuneração seja maior. Espero que o professor seja mais valorizado, como um todo” (EP2PM).* Compreendemos que os que desejam que um dia a profissão seja valorizada não são só aqueles que pretendem seguir a carreira docente, mas aqueles que, independente da opção pela docência, valorizam a educação e o papel do professor nesse processo de formação: *“Não tenho motivação nenhuma, não é o que eu quero [ser professor] Espero que isso possa mudar e que as pessoas passem a ver a importância da educação na vida de todos” (EP2PT).*

Por fim, podemos perceber que uma pequena minoria dos entrevistados deseja trabalhar com a educação infantil e fundamental I: *“[minhas expectativas] são as melhores possíveis e de, com certeza, continuar na área de educação infantil, pois, foi com eles que mais me identifiquei e vi que era isso mesmo que eu quero e estou no caminho certo” (EP4PM).*

Nesse sentido, pelos depoimentos coletados, poucos entrevistados desejam trabalhar nas séries iniciais. E alguns desses, só por pouco tempo. Entretanto, a despeito da prevalência de tal entendimento, ainda há estudantes que se identificam com a docência nesse nível de ensino e muitos outros podem ser despertados para tal, carecendo de uma sólida formação que os capacite para os desafios que os aguardam. Destarte, há que se investir numa formação inicial sólida dos futuros professores, considerada como etapa inicial de socialização profissional, contemplando os âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento profissional numa perspectiva emancipatória, conforme assinala Imbernón (2000, p. 65-66):

A formação inicial, como começo da socialização profissional e da assunção de princípios e regras práticas, deve evitar dar a imagem de um modelo profissional assistencial e voluntarista que freqüentemente leva a um posterior papel de técnico-continuísta, reflexo de um tipo de educação que serve para adaptar de modo acrítico os indivíduos à ordem social e torna os professores vulneráveis ao entorno econômico, político e social.

**CONCLUSÕES**

A partir dos resultados obtidos na pesquisa, concluímos que a concepção de docência da maioria dos entrevistados é de que ser professor é educar para formar cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade. Os entrevistados desejam que um dia a profissão seja valorizada. Um aspecto preocupante é que a maioria dos estudantes de Pedagogia pretende ser professor universitário ao invés de atuar na Educação Infantil e Fundamental I, o que nos faz refletir: em se mantendo tal opção, quem ensinará nossas crianças no futuro? Nesses termos, os resultados nos permitem inferir que a Universidade precisa dar uma atenção especial aos estudantes de licenciatura na fase inicial de vivência do curso, quando ainda estão se definindo em sua opção pela profissão, favorecendo uma formação sólida que problematize e aponte alternativas para o enfrentamento das questões da realidade concreta dos professores, ressaltando a relevância social desse profissional, estimulando e apoiando a escolha dos estudantes pelo curso e pelo exercício da docência na Educação Básica.

**REFERÊNCIAS**

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O método nas Ciências Sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando**. O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

ALVES, Nancy Nonato de Lima. Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende: significados da docência em educação infantil na ambigüidade entre a vocação e a profissionalização. **In: 29º reunião Anped, 2006.** Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2570--Int.pdf

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 12.796**, de 4 de abril de 2013.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez, 2000.

LUDKE,Menga e BOING, Luiz Alberto. **GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO:** precarização do trabalho docente II- caminhos das profissão e da profissionalidade docentes. Educação e Sociedade. v.25 n.89. Campinas set./dez. 2004

MONTEIRO, A. Reis**. Qualidade, profissionalidade e deontologia na educação.** Portugal: Porto Editora, 2008.

SALVARO, Maria Salete. **Processo de trabalho docente:** Relação entre o ser e o adoecer. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Educação/UNESC, Criciúma, 2009.

VEIGA, Ilma Passos. Docência como atividade profissional In: **Veiga, I. e D’ÁVILA, Cristina.** Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 13-21.

1. Optamos por identificar os entrevistados pelas iniciais EP, por se tratarem de estudante de Pedagogia, seguidos de identificação do período em que se encontravam matriculados e, ao final, o turno: M, para Manhã; T, para Tarde, N, para Noite. [↑](#footnote-ref-2)